



NARRATIVAS E CANÇÕES: GEOMUSICALIDADES NOS SERTÕES NORDESTINOS

Emilio Tarlis Mendes Pontes¹, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9155-5666>
Francisco Mateus Nogueira Pinheiro², Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6138-2907>
Joabe Nunes Fernandes Filho³, Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9792-3264>
Pedro Henrique Teixeira Vilela⁴, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1483-5717>

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Quixadá/CE, Brasil *

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Quixadá/CE, Brasil **

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Quixadá/CE, Brasil ***

⁴ Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil ****

Artigo recebido em 02/05/2024 e aceito em 25/08/2024

RESUMO

O presente trabalho resulta da proposta metodológica intitulada "geomusicalidades nos sertões nordestinos", desenvolvida no Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFCE) de Quixadá, integrando o tripé ensino, pesquisa e extensão em um curso de graduação em Geografia no sertão cearense, em 2023. Emergiu da constatação de que, por inserir-se no contexto sertanejo, estudantes desse curso estão em constante acesso a músicas vinculadas historicamente a narrativas que retrataram e seguem abordando o cotidiano da região, seja ele social, político e/ou cultural, ainda sujeito ao coronelismo, secas e tragédias sociais. Metodologicamente, utilizou-se a abordagem hermenêutica, consistindo em identificar sentidos discursivos nas letras das canções, observando representações e significados explícitos ou implícitos sobre os sertões. Desse modo, foi realizada uma apresentação didático-pedagógica durante a VI Semana da Geografia do IFCE para a qual realizou-se uma amostragem intencional de músicas vinculadas aos sertões, construindo-se uma linha de discussão sobre como tais influências musicais reforçaram estereótipos de região. Baseada nos conceitos de paisagem e cultura, objetivou-se analisar e exemplificar a evolução temporal musical entre as décadas de 1940 a 2000, que representa a sujeição política, mas também incorpora novas formas de compreensão dos sertões nordestinos.

Palavras-chave: música; paisagem; cultura; sertões nordestinos; geomusicalidades.

* Doutor em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Professor de geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Quixadá, e-mail: emilio.pontes@ifce.edu.br

** Graduando em Geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, e-mail: mateus.pinheiro09@aluno.ifce.edu.br

*** Graduando em Geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, e-mail: joabe.nunes.fernandes09@aluno.ifce.edu.br

**** Mestre em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: sirpedrovilela@gmail.com

NARRATIVES AND SONGS: GEOMUSICALITIES IN THE NORTHEASTERN BACKLANDS

ABSTRACT

This work is the result of a methodological proposal entitled "geomusicalities in the Northeastern backlands", developed at the Laboratory of Studies on Space, Culture and Politics (LECgeo) of the Federal Institute of Education, Science and Technology (IFCE) in Quixadá, integrating the teaching, research and extension tripod in an undergraduate course in Geography in the backlands of Ceará, in 2023. It emerged from the observation that, by being inserted in the backlands context, students of this course are in constant access to songs historically linked to narratives that portrayed and continue to address the daily life of the region, be it social, political and/or cultural, still subject to coronelismo, droughts and social tragedies. Methodologically, the hermeneutic approach was used, consisting of identifying discursive meanings in the lyrics of the songs, observing explicit or implicit representations and meanings about the backlands. Thus, a didactic-pedagogical presentation was held during the 6th Geography Week of IFCE, for which an intentional sampling of songs linked to the backlands was carried out, building a line of discussion on how such musical influences reinforced stereotypes of the region. Based on the concepts of landscape and culture, the objective was to analyze and exemplify the temporal musical evolution between the 1940s and 2000s, which represents political subjection, but also incorporates new ways of understanding the backlands of the Northeast.

Keywords: music; landscape; culture; backlands of the Northeast; geomusicalities.

NARRATIVAS Y CANCIONES: GEOMUSICALIDADES EN LA HISTORIA DEL NORESTE

RESUMEN

El presente trabajo resulta de la propuesta metodológica titulada "geomusicalidades en el sertón nororiental", desarrollada en el Laboratorio de Estudios sobre el Espacio, la Cultura y la Política (LECgeo) del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología (IFCE) de Quixadá, integrando la trípole de enseñanza, investigación y extensión en una carrera de pregrado en Geografía en el interior de Ceará, en 2023. Surgió de la observación de que, al ser parte del contexto del interior del país, los estudiantes de esta carrera están en constante acceso a música históricamente vinculada a narrativas que retrataron y continúan abordando la vida cotidiana de la región, ya sea social, política y/o cultural, aún sujeta al coronelismo, sequías y tragedias sociales. Metodológicamente se utilizó el enfoque hermenéutico, consistente en identificar significados discursivos en las letras de las canciones, observando representaciones y significados explícitos o implícitos sobre el sertón. De esta manera, se realizó una presentación didáctico-pedagógica durante la VI Semana de Geografía del IFCE, para la cual se realizó un muestreo intencional de música vinculada al sertón, construyendo una línea de discusión sobre cómo dichas influencias musicales reforzaron los estereotipos regionales. A partir de los conceptos de paisaje y cultura, el objetivo fue analizar y ejemplificar la evolución temporal musical entre las décadas de 1940 y 2000, que representa un sometimiento político, pero también incorpora nuevas formas de entender el sertón nororiental.

Palabras clave: música; paisaje; cultura; zonas montañosas del noreste; geomusicalidades.

INTRODUÇÃO

“No Nordeste era assim: ou você sobe pra São Pedro ou você desce
pra São Paulo”
Antônio Carlos Belchior

No âmbito da Ciência Geográfica, as análises e compreensões do polissêmico conceito de paisagem também podem ser direcionadas ao contexto de sonoridades e musicalidades cotidianas presentes nos lugares de vivências, gerando, mantendo e construindo múltiplas memórias afetivas, individuais ou coletivas. Tais relações são vivenciadas em escalas geográficas que aproximam determinadas populações em torno de um conjunto de representações que, no Brasil, tem intensa solidificação nas grandes regionalizações que foram construídas no país ao longo dos últimos decênios.

Deste modo, o presente texto analisa como a construção da ideia dos sertões semiáridos nordestinos, associada às suas representações, reverbera paisagens peculiares de sua formação natural e como nessa delimitação político-administrativa se encontra outro potente conceito, a própria idealização da região Nordeste, com suas culturas tradicionais que se engendram na construção das matrizes regionais nordestinas. Pretende-se, assim, discutir e propor uma abordagem pragmático-metodológica para aplicação dessa análise entre os conceitos de Nordeste/sertões interligados ao cancionário regional que, historicamente, reproduziu e/ou contestou situações político-sociais intimamente vinculados ao povo que ali habita, aqui chamadas de geomusicalidades sertanejas.

Compreende-se que a paisagem é “produto e produtora de cultura, tem formas, cores, texturas, sons, odores e sabores que caracterizam determinados lugares, os quais são experienciados distintamente por cada pessoa” (Furlanetto, 2016, p. 349). Esta também pode ser apreendida enquanto paisagem sonora, que no Nordeste possui laços históricos com determinados estilos musicais, como o baião, xaxado, xote e o forró, estruturas poéticas desenvolvidas nessa região. Tais ritmos podem ser considerados como precursores de uma série de artistas que, há cerca de um século, massificaram suas artes vinculadas a esses gêneros, cujo pioneiro foi o pernambucano de Exu, Luiz Gonzaga, símbolo-mor de um período de fixação de uma certa ideia regional e divulgador das representações nordestinas.

Isto posto, foi traçado um paralelo, tendo como base representações e paisagens, de uma região Nordeste criada por órgãos estatais desde meados do século XX até o período contemporâneo, abarcando o contexto do combate às secas aos movimentos atuais de convivência com o semiárido. Assim, foi estabelecido um roteiro que abarcou essa proposta, resgatando, entre centenas de opções, algumas que entraram no escopo metodológico da atividade.

PAISAGEM: TRANSCENDENDO A NOÇÃO DO VISÍVEL

Sabe-se que a paisagem, dentro da abordagem cultural da Geografia, transcende a lógica do visível, congregando consigo, também, simbolismos e questões identitárias (Cosgrove, 1998). Um dos arranjos que extrapolam a lógica do visível neste conceito é o dos sons, dos ruídos e das músicas, derivando (e aprofundando), portanto, a noção de paisagem para o que se pode compreender como paisagens sonoras (Furlanetto, 2016).

Afim de melhor compreensão das prerrogativas desta proposição, deve-se explicitar a conexão de duas questões fundamentais quando se trata de paisagem: a análise da paisagem sonora propriamente dita (especificamente, sons e ruídos do território, sejam eles vernaculares ou não) e as representações da paisagem (letras, músicas, capas dos discos, etc.), sendo estas últimas o foco do presente artigo. Nesse sentido, especificamente quanto à imagética, atentou-se que as capas dos álbuns continham profusas representações do objeto em questão, como observa-se na capa do disco *Long Play* (LP) de Luiz Gonzaga, lançado em 1980, pela RCA Victor, variadas abordagens de paisagens sertanejas (figura 01).

Figura 01 – LP Luiz Gonzaga, o homem da terra.



Iconografias identificadas: fisionomia de Luiz Gonzaga, sanfona, chapéu de couro, aves, roçado, açudes, vaqueiro, mulheres sertanejas, lavrador, jangada, lua e sol.

Fonte: Pontes, 2024.

Na Figura 02, também um disco de Luiz Gonzaga, gravado em 1967 pela RCA Victor, a abordagem da capa (e das músicas contidas) vinculam-se às profundas relações da época do lançamento em relação ao povo sertanejo e sua religiosidade católica, elemento marcante da cultura regional (Pontes, 2014).

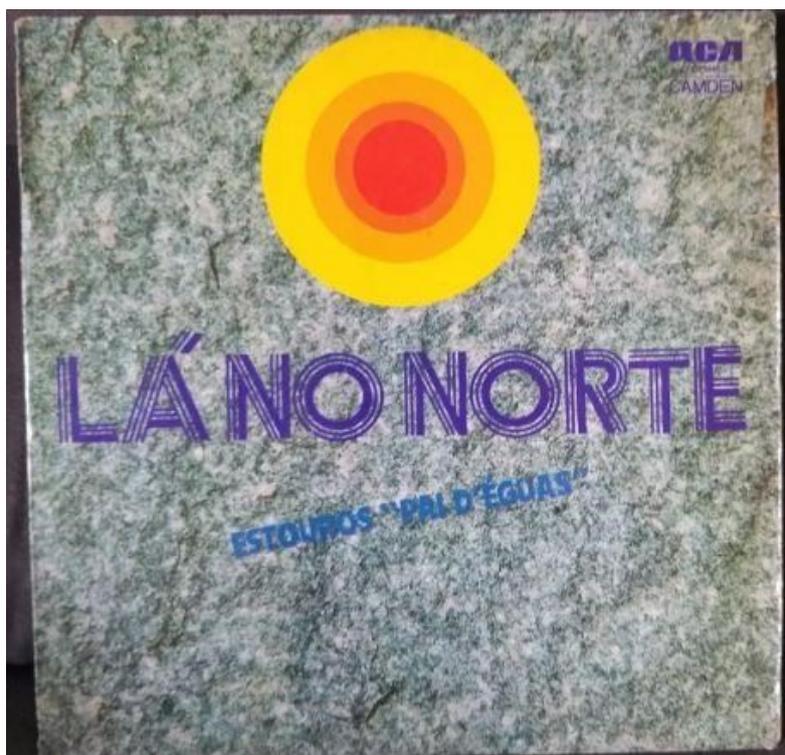
Figura 02 – Luiz Gonzaga, o sanfoneiro do povo de Deus



Iconografias identificadas: cor tons terra, indumentária do artista Luiz Gonzaga, alforje com a grafia baião, calhambeque, xícara de café, mulher sertaneja, jumento, lápides na beira da estrada, desmantelo na casinha, barranco. Fonte: Pontes, 2024.

Um emblemático LP, em formato de coletânea, foi lançado pela gravadora carioca RCA Victor no ano de 1973, intitulado “Lá no Norte – estouros pai d’éguas” (figura 03), com músicas de conteúdo sertanejo e uma paisagem de capa que traz um título principal descontextualizado e um subtítulo com uma linguagem tipicamente regional, além da figura do sol, tido como inclemente para a população. Embora a região citada seja, na realidade, o Nordeste, percebe-se o quanto a própria identidade regional demorou décadas para ser assimilada nacionalmente. Diga-se que, atualmente, ainda é possível encontrar relatos em que ambas regiões sejam chamadas por uma só denominação, no caso, Norte.

Figura 03 – LP “Lá no Norte”



Iconografias identificadas: sol em cores vibrantes em um fundo sugestivo de rocha granítica.
Fonte: Pontes, 2024.

Historicamente, o conceito de paisagem sonora (do inglês *soundscape*) foi cunhado por Murray Schafer¹ que iniciou os estudos de tal noção debruçado sobre os trabalhos do geógrafo e planejador urbano Michael Southworth que, segundo Aragão (2019), utilizou o som como abordagem dos seus estudos urbanos, a partir de uma perspectiva multissensorial, relacionada com as imagens da cidade. Conforme Ribeiro (2021, p. 28):

Schafer (2011) desenvolveu o conceito definindo-o como o conjunto de sons de determinado espaço, que pode ser de baixa ou alta fidelidade. O compositor considera que o campo de baixa fidelidade é um som privilegiado aos sons naturais. Para o autor, o primeiro som que se fez ouvir “foi à carícia das águas”. Seria na sua concepção o som fundamental da paisagem sonora original, acima de todos os outros sons. (SCHAFFER, 2011, p. 33-34). Mas também, reputa a existência de outros sons fundamentais especiais de acordo com a disponibilidade material de cada localização geográfica diferente.

No tocante à literatura especializada em Geografia Cultural, encontram-se amplamente divulgadas conceituações sobre paisagem sonora – que deriva do conceito original *landscape* para o correspondente *soundscape* (Furlanetto, 2016). Schafer (2011, p. 23) define *soundscape* como “qualquer campo de estudo

¹ Nascido no Canadá, além de músico, Raymond Murray Schafer é compositor e autor, publicou em 1960 a obra *The British Composer Interview*, trabalho precursor na área de pesquisa sonora, desenvolvido no The World Soundscape Project, na Simon Fraser University, B. C., com as discussões indicando rumos inéditos para atuação sobre o ambiente sonoro (UNESP, 2011).

acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras”, ou seja, eventos sonoros com características físicas que possuem funções e significados, percebidos por qualidades afetivas relacionadas às múltiplas formas de emoção.

O mesmo autor pontua que as soundscapes inserem-se na paisagem em determinados ambientes, vinculados às suas características físicas locais, podendo incidir diretamente nos modos culturais de vida de cada povo ou comunidades. As marcas sonoras de cada lugar associam-se e remetem aos modos de produção do espaço geográfico que foram formados e reformulados periodicamente de acordo com as peculiaridades culturais próprias, não esquecendo que, em tempos de globalização e de superpovoação sonora (ou mesmo poluição sonora), as influências exógenas revelam tamanha influência apesar de não serem locais. Nesses contextos, Schaffer aborda que indicadores de épocas e tempos históricos também atuam diretamente nas audições humanas, transformando formas e conteúdo em ciclos de constante mutação.

É necessário salientar a existência dessa categoria analítica de paisagem sonora, com as peculiaridades acima apresentadas, mas que, no caso deste trabalho, optou-se pela análise hermenêutica das letras das canções e suas representações do que características rítmicas ou especificidades sonoras das mesmas.

Os sons configuram parte relevante das vidas das pessoas e funcionam como uma espécie de *background* das tramas socioespaciais. Normalmente, cada tipo de som obedece aos lugares que acontecem, nem sempre ordenados e iguais. Segundo Torres e Kozel (2010, p. 125):

Nas cidades, os sons dos veículos automotores, das pessoas caminhando e/ou conversando, das propagandas comerciais, dos aparelhos eletroeletrônicos, das manifestações religiosas, da construção civil, entre outros, compõem o universo sonoro. Diferentes sons ocupam os lugares, de diferentes maneiras e assumindo diferentes formas.

Evidentemente, a configuração da paisagem sonora de um determinado espaço não se restringe a objetos e geossímbolos únicos pois muitos aspectos constituem a sonoridade característica de cada lugar, apresentando singularidades como sons da natureza, de animais, de seres humanos e de instrumentos e objetos, mesclando-se diferentemente na constituição de cada paisagem sonora específica.

Embora o enfoque sobre a paisagem sonora seja importante para este trabalho, uma vez que na análise das geomusicalidades dos sertões nordestinos perceba-se um apelo incisivo aos elementos anteriormente citados, o caminho trilhado concentrou-se sobretudo na interpretação das letras das canções selecionadas.

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE REGIÃO E MÚSICA

Apesar de estar fortemente vinculado à Geografia Política e à Geopolítica, o conceito de região também é tributário da Geografia Cultural. Por um lado, ela é vista como um espaço de exercício do poder estatal, de controle territorial e de disputas geopolíticas. Por outro lado, no âmbito da Geografia Cultural, a região também pode ser concebida como recorte espacial construído a partir de processos simbólicos inerentes à cultura, expressando identidades e manifestações próprias de determinados grupos sociais.

Para além da sua polissemia conceitual, neste trabalho acata-se o entendimento de região como “*artefato*”, conjugando elementos concretos e teóricos:

Encaminhamo-nos, sobretudo, para o entendimento da região não simplesmente como um “fato” (concreto), um “artifício” (teórico) ou um instrumento de ação, mas da região como um “*artefato*”, tomada na imbricação entre o fato e artifício e, de certo modo, também, enquanto ferramenta política. A região vista como *artefato* é concebida no sentido de romper com a dualidade que muitos advogam entre posturas mais estritamente realistas e idealistas, “construto” ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação do espaço, seja de uma construção identitária a partir do espaço vivido) e material-funcional (nas práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada (Haesbaert, 2010, p. 109, 110).

Por mais que se entenda que a totalidade do conceito de região não se esgota na noção de *artefato*, atenta-se aqui a tal proposição como um norte teórico para reflexão sobre as dinâmicas regionais na música nordestina. Portanto, o Nordeste e os sertões evocados pelos artistas propostos não são tão somente uma ideia, um imaginário de um território neutro e sem materialidades, como também não seria um recorte meramente descritivo a partir de características culturais peculiares.

Sendo assim, depreende-se de forma patente a noção de região enquanto *artefato* cultural perceptível no cancionário com as evocações do Nordeste trazidas por compositores e intérpretes musicais. Haesbaert apresenta algumas questões fundamentais a este entendimento:

— a região como produto-produtora dos processos de diferenciação espacial, tanto no sentido das diferenças de grau quanto das diferenças de tipo ou natureza, tanto das diferenças discretas quanto das diferenças contínuas; — a região como produto-produtora das dinâmicas concomitantes de globalização e fragmentação, em suas distintas combinação e intensidades, o que significa trabalhar a extensão e a força das principais redes de coesão ou, como preferimos, de articulação regional, o que implica identificar também, por outro lado, o nível de desarticulação e/ou de fragmentação de espaços dentro do espaço regional em sentido mais amplo; — a região construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais (basicamente o Estado, as empresas, outras instituições de poder e os distintos grupos socioculturais e classes econômico-políticas) em suas lógicas espaciais zonal e reticular, acrescentando-se ainda a “i-lógica” dos aglomerados resultante principalmente de processos de exclusão e precarização socioespacial (Haesbaert, 2004a e 2004b), cuja consideração é hoje, cada vez mais, imprescindível (Haesbaert, 2010, p. 110).

Entende-se, por conseguinte, que a noção de *artefato* é um útil para se pensar o Nordeste e a Geografia Cultural, particularmente no tocante ao cancionário aqui analisado. Compreender a região enquanto produto-produtora de diferentes sentidos e linguagens é fundamental para apreender a

complexidade do Nordeste, superando reducionismos historicamente remetidos ao espaço em estudo. O combate à reificação regional pode ser realizada tanto com relação ao fato (semiaridez, solos pedregosos, agricultura rudimentar, secas) quanto em relação ao artifício (mito primordial do Brasil autêntico, fruto da fusão das raças ibéricas, indígenas e negras e, também, de limitações culturais e econômicas, êxodo rural, etc.). Baseado na concepção teórica esboçada, segue-se com a discussão da metodologia implementada.

METODOLOGIA DA ATIVIDADE “GEOMUSICALIDADES NOS SERTÕES NORDESTINOS”

Os estudos de geografia e música abarcam ferramentas teóricas de fenômenos geográficos e tem sido uma tônica de pesquisas nas últimas décadas, como visto em Tuan (1980), Gonçalves (2013) e Dozena (2016). Conforme Corrêa e Rosendahl (2008), as iniciativas primeiras de investigar geografia e expressões artísticas são registradas a partir da segunda metade do século XX e seguem numa contínua evolução investigativa, consolidando essa área de pesquisa da Geografia Cultural, envolvendo conceitos e categorias de análise como imagem, sons, lugar vivido, literatura, indústria musical, entretenimento, pertencimento etc.

A região Nordeste é historicamente marcada por massivas influências culturais globais, que moldaram inclusive os estilos musicais endógenos. O resultado dessas múltiplas influências pode ser compreendido em termos de sonoridades constituintes de certos espaços, inclusive regionais, denominadas de "geomusicalidades" (Furlanetto, 2016), aqui adotadas como ideias chaves para a proposta metodológica.

Para a elaboração de um roteiro que discutisse as ideias de Nordeste sertanejo foi necessário fazer uma prospecção de temas que ficassem aliados a duas constituições conceituais: Nordeste e sertões semiáridos. Baseado em Ribeiro (2021) e Albuquerque Júnior (1999) que fazem uma profunda análise das origens desses citados conceitos, chegou-se a temas em comum que seriam reverberados em profusão de manifestações literárias, pictóricas e musicais. Para o presente caso, optou-se pelo resgate musical, por ser essa manifestação de grande apelo popular, sendo uma forma de expressão consumida desde os tempos do rádio aos contemporâneos reprodutores de mídias.

É necessário salientar que o interesse pela temática nasce a partir da própria presença de uma Instituição de Ensino Superior (IES) situado no semiárido, no caso o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE) campus Quixadá, como parte de uma política de interiorização e universalização do ensino superior no interior do Brasil, suprindo lacunas históricas de ausência de educação formal nos sertões brasileiros. Nesse campus do IFCE está sediado o Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo) que alberga pesquisas de Geografia Cultural e capitaneou o projeto geomusicalidades.

Partindo da noção de Ribeiro (2021) de que o Nordeste semiárido nasce através das intervenções públicas em contraponto ao Nordeste úmido da cana-de-açúcar, em um contexto regionalista, criando novas formas de representações, a extensa historiografia considera que do início do século XX em diante, consolida-se através dos órgãos federais a noção de que esta região seca precisa de intervenções técnicas, de caráter hidráulico, sobretudo, sendo amplamente conhecido como o período do combate às secas. Assim, representações da natureza vinculam-se diretamente a essa noção.

A consequente reprodução dessas temáticas no cancionário regional nordestino tem intensa repercussão sobretudo em letras musicais de cantores como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Marinês, no período áureo da radiodifusão que tinha alcance nos rincões do país. O cantor Gilberto Gil (2008), em trecho do documentário “O homem que engarrafava nuvens” sobre o letrista cearense Humberto Teixeira, parceiro de Gonzaga, vai comentar as influências desses músicos salientando que:

O que dá o tom é a paisagem, é a cultura, aquela vida, aquele modo de ser, a agricultura da região, a paisagem rural específica, as relações entre o rural e o urbano, Campina Grande, Caruaru, que são paisagens intermediárias urbanas entre o mar e as capitais Natal, Recife, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, que estão todas no litoral e as cidades do interior.

Como resultado, elaborou-se um quadro sinótico (quadro 01) convergente de temas relevantes que marcam tanto a historiografia como o cancionário nordestino no que tange às origens da formação territorial em apreço em meados do século XX e sua replicação enquanto representações presentes nas letras musicais no decorrer desse mesmo século.

Quadro 01 – Correlações temáticas: sertões nordestinos e músicas regionais entre 1940 e 2000

	Formação do Nordeste	Cancioneiro nordestino
Temáticas	Intervenção estatal	Êxodo rural; pobreza; açudagem; dependência eleitoral.
	Clima semiárido	Seca; fome; morte; miséria; falta de perspectivas locais.
	Regionalismo	Coronelismo; paternalismo; clientelismo; voto de cabresto; ideia de região Nordeste ainda como “Norte”.

Fonte: elaboração dos autores

Maciel (2006) considera que os repertórios de imagens e falas podem ser associados a regionalismos e consequentemente às representações artísticas, o que no caso do Nordeste semiárido foi marcante no que toca sobretudo a literatura e a música popular, sendo ambas relevantes na construção da região Nordeste a partir das primeiras décadas do século XX:

A associação entre um termo tão rico de significados e uma parcela espacial do Nordeste brasileiro caracterizada comumente pela semiaridez e pela economia pastoril reduziu a abrangência do termo a um espaço físico geograficamente delimitado, e fez com que no senso comum e no imaginário social os termos ‘sertão’ e ‘nordeste’ passassem a ser tomados praticamente como sinônimos (Maciel, 2006, p. 122).

A partir da identificação de que o cancionário nordestino era dotado de uma semiótica que se aproximava ao discurso estatal da “região problema” e do combate à seca, fez-se um inventário de teor exemplificativo, de letras que traziam em si tais conceitos. A equipe fez uma imersiva prospecção na discografia brasileira referente às problemáticas em tela remetendo o período entre as décadas de 1940 a 2000, utilizando para isso o site buscador Google. A busca forneceu centenas de discos/músicas que retratavam nitidamente os anseios dos discursos em análise. Como a proposta não era elaborar um levantamento geral, mas de representatividades, fez-se uma triagem a partir de uma amostragem intencional onde os critérios: a) popularidade; b) explicitação de letras e c) alinhamento histórico temporal, pudessem compor o cenário que seria adotado na apresentação do projeto geomusicalidades. Com isso, ficaram fora da lista centenas de outras canções e álbuns pois não caberiam no escopo desejado. No Quadro 02, segue a listagem escolhida.

Quadro 02 – Seleção de músicas e representações de geomusicalidades sertanejas

Música	Autorias e ano de lançamento	Trechos das letras	Contextualizações
Súplica Cearense	Gordurinha e Nelinho 1960	Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno, desculpe eu pedir para acabar com o inferno, que sempre queimou o meu Ceará.	Contraste secas e enchentes; religiosidades nordestinas; dependência de políticas públicas
Orós II	João do Vale 1982	Mas não é só falar de seca, não tem só seca no sertão...Se não é seca é enchente, como somos sofredor.	Em anos raros de enchentes, o descaso das atuações governamentais provoca impactos nos sertões
Asa branca	Luiz Gonzaga e H. Teixeira 1947	Quando olhei a terra ardendo, qual fogueira de S. João, eu perguntei a Deus do céu, porque tamanha judiação	manifesta dependência dos nordestinos estritamente ao clima
Último pau de arara	J. Guimarães, Corumbá e Venâncio 1956	a vida aqui só é ruim quando não chove no chão, mas se chover dá de tudo, fartura tem de porção. Tomara que chova logo, só deixo o meu Cariri no último pau de arara.	Resiliências: a espera de chuva ou sujeição a migrações forçadas.
Vozes da seca	Luiz Gonzaga e Zé Dantas 1953	Mas, doutor, uma esmola para um homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão	Auxílios emergenciais forçam sertanejos à humilhação da dependência político-econômica
Légua tirana	Luiz Gonzaga e H. Teixeira 1949	Quando o sol tostou as folhas e bebeu o riachão, fui até o Juazeiro pra fazer minha oração.	Religiosidade católica como última esperança para melhorias da vida no sertão
Lamento sertanejo	Gilberto Gil e Dominginhos	Por ser de lá, do sertão lá do cerrado, lá do interior do mato, da caatinga, do roçado, eu	Percepções e sensibilidades quando sertanejos precisam

	1975	quase não saio, eu quase não tenho amigos, eu quase que não consigo, viver na cidade sem ficar contrariado.	viver nas capitais, após migrações forçadas
Vaca estrela e boi fubá	Patativa do Assaré 1980	Eu sou fio do nordeste, não nego o meu naturá, mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá, lá eu tinha o meu gadinho, não é bom nem imaginar	A seca causando mortes de rebanhos e provocando o êxodo rural
Disparada	Geraldo Vandré e Théo de Barros 1966	Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar, eu venho lá do sertão e posso não lhe agradecer. Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar e a morte, o destino, tudo estava fora do lugar e eu vivo pra consertar	Sertanejos lamentam as condições precárias de vida advindas da ausência de políticas públicas, porém cientes de suas sabedorias culturais
Pau de arara	Guio de Moraes e Luiz Gonzaga 1952	Quando eu vim do sertão, seu moço do meu Bodocó, a malota era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando num pau-de-arara, eu penei, mas aqui cheguei.	êxodo rural, secas, migrações internas Nordeste-Sudeste
Digitado em poesia	Zé Ramalho 2000	Nesse tempo a região que se chamou de Nordeste, de Lampião e Pe. Cícero, estarei pelo futuro, digitado em poesia	A convivência com o semiárido, aliada às tecnologias sociais, trazendo novas perspectivas para a região.

Fonte: elaboração dos autores.

O projeto geomusicalidades inseriu-se como uma atividade efetivada ao longo do primeiro período letivo de 2023, tendo sua culminância durante o evento acadêmico “VI Semana da Geografia do IFCE”, realizada de 29 de maio a 02 de junho do mesmo ano, com o tema “a geografia tem alma sertaneja”. A apresentação das músicas seguiu um roteiro onde eram intercalados trechos emblemáticos junto a cordéis elaborados por estudantes do projeto (figura 04). Imagens representativas do contexto das geomusicalidades abordadas foram projetadas na parede de fundo do palco a partir de um datashow.

Figura 04 – Equipe do projeto Geomusicalidades – LECgeo (IFCE-Quixadá)



Fonte: os autores, 2023

A equipe que produziu coletivamente a apresentação foi composta pelos seguintes membros: professor Emilio Pontes (coordenador do LECgeo) e estudantes do curso de graduação em Geografia IFCE: José Lima Fernandes, Sarah Freitas Cruz, Aline Silva Nobre, Rafaela Moura Barbosa, Joabe Nunes Fernandes Filho, Rodrigo Oliveira Soares da Silva, Francisco Mateus Nogueira Pinheiro. Também colaboraram no apoio técnico os estudantes Francisco Iarlei Martins Soares e Maria Lucivânia de Souza. A encenação específica ocorreu no primeiro dia do evento (29 de maio de 2023), com duração aproximada de 40 minutos (figura 05).

Figura 05 – Apresentação do projeto Geomusicalidades – LECgeo, auditório do IFCE-Quixadá



Fonte: os autores, 2023

Desse modo, fez-se um percurso histórico (quadro 03), que pode ser diretamente vinculado a uma linha do tempo de ações e discursos no Nordeste semiárido. Salienta-se que as primeiras canções de Luiz Gonzaga começaram a ser difundidas radiofonicamente no final da década de 1940. Esse percurso metodológico traçou uma série de canções, que culminam com as novas propostas de entendimento que os sertões não são lugares de expulsão, mas de imensas possibilidades de vida, sobretudo no que se conhece por paradigma da convivência com o semiárido.

Quadro 03 – Correlações entre músicas do projeto geomusicalidades e contextos históricos.

Ano e músicas lançadas	Contextos históricos
1947 – Asa Branca	1945 = criação do atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)
1952 – Pau de arara	1953 = intensificação do fluxo de paus-de-arara do Nordeste para o Sudeste e para a construção de Brasília.
1953 – Vozes da Seca	1951-53 = intensa seca no Nordeste
1956 – Último pau de Arara	1958/9 = criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)
1966 – Disparada	1964 = golpe Militar no Brasil; 1966 = governadores “biônicos” no Nordeste, investidos no cargo sem sufrágio universal.
1982 – Orós II	1985 = intensa enchente do Nordeste Início da redemocratização no Brasil
2000 – Digitado em poesia	Anos 2000 = começo do paradigma da convivência com o semiárido

Fonte: elaboração dos autores.

É preciso destacar que a formação discursiva dominante relacionando Nordeste semiárido às secas começa a entrar em crise na segunda metade do século XX, atingindo maior agudeza a partir da década de 1990, como destaca Albuquerque Junior (2016, p. 02):

Um novo olhar se espalha pela produção cultural que toma o Nordeste, a paisagem nordestina, sua cultura e sua realidade como temáticas. Entre os fins dos anos noventa do século passado e as primeiras duas décadas deste século, novos olhares foram produzidos sobre o que seria essa região, sua natureza, sua sociedade e suas atividades culturais. Uma geração de artistas e escritores nascidos nos anos sessenta e setenta do século XX, ou que atingiram sua maturidade criativa em meados dos anos noventa, começam a produzir novas formas de ver e dizer o Nordeste, a paisagem nordestina e suas produções culturais. Constitui-se o que se poderia chamar de novas visibilidades e dizibilidades sobre este espaço definido como regional, em todas as suas dimensões.

A crise do imaginário longamente construído em torno do Nordeste e refletido no cancionário analisado, apenas se torna compreensível, conforme o mesmo autor, ao serem levadas em consideração as mudanças históricas pelas quais passou este espaço.

Após a apresentação (recebida com êxito pela plateia presente) ficou notório que essa proposta pedagógica pode ser replicada (se necessário, reatualizada) em diversos outros ambientes, como escolas e

demais instituições de ensino, servindo-se das conhecidas paisagens tão presentes nos cotidianos sertanejos, proporcionando possibilidades de análise de problemáticas a partir de algo tão comum que é a audição de músicas e a interpretação de suas letras. Em que pese um repertório maior de canções que abordavam um consagrado período de combate às secas, o projeto contemplou uma série de cordéis autorais enfatizando a mudança de paradigma e de imaginários geográficos que ensejam a convivência com o semiárido contemporaneamente. A replicação dessa atividade, coaduna-se com propostas de metodologias ativas apropriadas a diversas áreas do conhecimento, sendo bem difundido na Geografia, amplamente encontrado na literatura especializada, como visto nos trabalhos de Kozel e Nogueira (1999) e Costa, Sacramento e Santos (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de atividade didático-pedagógica “geomusicalidades nos sertões nordestinos”, concebida ao longo do ano de 2023, no âmbito do LECgeo, bem como em sua execução durante a “VI Semana de Geografia do IFCE Quixadá”, demonstrou efetividade para desenvolver no alunado habilidades de entendimento textual, questionamentos, interpretação e análises dos conteúdos relacionados a canções que abordam a região, apresentando uma inovação metodológica e um potencial de engajamento da comunidade universitária. O lema do evento “a geografia tem alma sertaneja”, respaldou o interesse e os vínculos do público em algo aparentemente prosaico que é relação música e Geografia.

Percorreu-se parte significativa do cancionário nordestino na busca por correlacionar fenômenos sociais e culturais que, historicamente, vincularam-se aos discursos de seu tempo, onde se pode perceber uma notória associação entre questões pertinentes ao universo sertanejo, tais como: migrações, êxodo rural, dependência de políticas públicas, assistencialismo, coronelismo e os profundos nexos religiosos do povo daqueles lugares, que apesar de serem temáticas trágicas, eram parte essencial da alegria e riqueza da cultura local. Ressalta-se que as ressignificações se tornaram marcantes para a formação de um imaginário de região Nordeste e seu povo de modo que, concomitantemente, a indústria cultural se apropriou destas evocações.

Observa-se, assim, a importância das análises tanto da relação da paisagem cultural com a região, quanto dos sujeitos com a própria natureza. Essa evolução musical vai adentrar o século XXI em um Nordeste diferente do abordado em Asa Branca, em meados da década de 1940, onde as ações do paradigma da convivência com o semiárido buscam ressignificar a região, mesmo ciente de diversas problemáticas ainda persistentes e de uma série de arranjos espaciais que remodelam os sertões, entre eles o crescimento urbano, os novos fluxos de migrações regionais e a interiorização do ensino superior regional, dentre outros fenômenos.

Por fim, os recortes aqui trabalhados não esgotam as numerosas possibilidades de abordagem de letras e músicas que a Geografia Cultural pode vir a estudar, inclusive almeja-se que uma das contribuições seja a maior profusão de estudos similares e atividades vinculando ensino-pesquisa-extensão.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, São Paulo: FJN, Ed. Massangana, Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Vede sertão, verdes sertões: cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas. **Revista de História e Estudos Culturais**, 2016, v. 13, ano XIII, n. 01, p. 01-27. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/690/658> Acesso em 03.jul.2024.
- ARAGÃO, T. A. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada? **Revista Música Hodie**, 2019, v. 19: e5341. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/53417>. Acesso em: 25.mar.2024.
- ASSARÉ, P. do. Vaca estrela e boi fubá. Intérprete: Fagner. In: **Eternas Ondas**. Rio de Janeiro: CBS, p. 1980. 1 LP. Faixa 09.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: **Revista da ANPEGE**, 2008, p. 73-88. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299350586_a_geografia_cultural_brasileira_uma_avaliacao_preliminar. Acessado em 27. nov. 2023.
- COSTA, I. E. M. da; SACRAMENTO, L. B. F. do; SANTOS, T. V. dos. A música como potencialidade pedagógica para o ensino de geografia: a experiência do programa institucional de bolsas de iniciação à docência no IFPA. **GEOMAE**, Campo Mourão, v. 10, n. 2, p. 109-121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/geomae/article/view/7687> Acesso em 03.jul.24
- DOMINGUINHOS; MOREIRA, G. P. G. Lamento sertanejo. Intérprete: Zé Ramalho. In: **Nação Nordestina**. Rio de Janeiro: BMG, p. 2000. 2 CD. Faixa 04.
- DOZENA, A. (Org). **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016.
- FURLANETTO, B. H. Paisagem sonora: uma composição geomusical. In: DOZENA, A. (Org). **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016, p. 349-370.
- GONÇALVES, J. P. de A. Música e geografia: reflexão sobre a temática musical nos estudos geográficos. In: **Boletim Paulista de Geografia**, n. 93. São Paulo: AGB, 2013, p. 09-29. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/328> Acesso em 10.abr.2024.
- GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. C. Asa branca. Intérpretes: Geraldo Azevedo, Elba Ramalho e Zé Ramalho. In: **O Grande Encontro 2**. Rio de Janeiro: BMG, p. 1997. 1 CD. Faixa 10.
- GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. C. Léngua tirana. Intérprete: Elba Ramalho. In: **XXI Vinteum Elba Ramalho**. Rio de Janeiro: Sony Music, p. 1999. 1 CD. Faixa 18.

- GONZAGA, L. DANTAS, Z. Vozes da seca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: **A viagem de Gonzaguinha e Gonzagão**. Rio de Janeiro: Universal, p. 1994. 1 CD. Faixa 10.
- GORDURINHA; NELINHO. Súplica cearense. Intérprete: Fagner. In: **Raimundo Fagner ao vivo**. Volume I. Rio de Janeiro: Sony Music, p. 2000. 1 CD. Faixa 08.
- GUIMARÃES, J.; CORUMBÁ; VENÂNCIO. Último pau de arara. Intérprete: Fagner. In: **Raimundo Fagner ao vivo**. Volume I. Rio de Janeiro: Sony Music, p. 2000. 1 CD. Faixa 11.
- HAESBAERT, R. **Regional-Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- KOZEL, S.; NOGUEIRA, A. R. B. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 13, p. 239-257, 1999. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/53819> Acesso em 03.jul.2024
- MACIEL, C. A. A. Sertões Nordestinos: Cariri Cearense, Sertão do Pajeú e Cariri Paraibano. In: **Atlas das representações literárias das regiões brasileiras**. Sertões Brasileiros I. Rio de Janeiro: IBGE, 2006, p. 115-148.
- MORAES, G. de.; GONZAGA, L. Pau de Arara. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: **Luiz Gonzaga volta para curtir**. Rio de Janeiro: RCA, p. 2001. 1 CD. Faixa 12.
- MOREIRA, G. P. G. **O homem que engarrafava nuvens**. Direção de Lírio Ferreira. Rio de Janeiro: Espaço Filmes, 2008. 1. DVD, minuto 14'09 a 14'40.
- PONTES, E. T. M. Fé e pragmatismo no sertão. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 155-168, mai./ago. 2014, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/BTQrHWRFjNT4Z3nzdBVPqTk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 02.jul.2024.
- RAMALHO, Z. Digitado em poesia. Intérprete: Zé Ramalho. In: **Nação Nordestina**. Rio de Janeiro: BMG, p. 2000. 1 CD. Faixa 10.
- RIBEIRO, R. W. **A invenção da aridez**. Rio de Janeiro: Terra Escrita, 2021.
- SHAFFER, R. M. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado mais negligenciado aspecto de nosso ambiente: a paisagem sonora**. 2º ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Ra'ega**, Curitiba: UFPR, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616> Acessado em 03.abr.2024
- TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VALE, J. do. Orós II. Intérprete: Fagner. In: **Sorriso Novo**. Rio de Janeiro: CBA, p. 1982. 1 LP. Faixa 07.
- VANDRÉ, G.; BARROS, T. de. Disparada. Intérpretes: Geraldo Azevedo, Elba Ramalho e Zé Ramalho. In: **O Grande Encontro 2**. Rio de Janeiro: BMG, p. 1997. 1 CD. Faixa 01.